

RESENHA:

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.



A ditadura militar no Brasil sob o olhar de Marcos Napolitano

LUÍSA MARIA RUTKA DEZOPI*

Há 50 anos, o Golpe Militar dado no dia 31 de março de 1964 fez com que o país imergisse numa Ditadura Militar, que perdeu por mais de duas décadas. Num momento em que se rememora esse importante evento histórico, Marcos Napolitano publica uma obra que amplia os debates sobre o período, ofertando ao leitor uma nova interpretação não somente sobre os acontecimentos que tornaram possível a ocorrência do Golpe, mas as implicações culturais, sociais, políticas e econômicas da Ditadura na realidade brasileira.

Em *1964: História do Regime Militar Brasileiro*, o autor privilegia a interdisciplinaridade em suas análises, utilizando-se de relações entre questões históricas, políticas, sociais, culturais e econômicas para compreender a realidade concreta do Regime Militar. Nesse sentido, sua trajetória como pesquisador pode ter contribuído para este fim, pois Napolitano estudou na etapa de pós-graduação os movimentos populares do final dos anos 1970 que contestaram o Regime, a música popular entre 1959-69 e a cultura da resistência em relação ao Regime nos anos 1970. Além disso, publicou os livros *Como usar o cinema em casa de aula*, *Como usar a televisão em sala de aula*, *Cultura brasileira: utopia e massificação*, *História na sala de aula*, *Fontes históricas*, entre outras, e, atualmente, é professor do

Departamento de História da USP (Universidade de São Paulo), onde leciona História do Brasil Independente. Essa vasta experiência proporcionou a Marcos Napolitano a construção de uma visão privilegiada acerca da cultura brasileira, fato que se expressa na rica obra em destaque.

Ademais, Napolitano elabora uma pesquisa documental, de forma detalhada e precisa, utilizando diversas fontes bibliográficas para enriquecer suas análises: discursos de posse e de outras naturezas, depoimentos, entrevistas, reportagens e artigos de jornais e revistas, dados do IBGE, músicas, produções cinematográficas, manifestos, teses e dissertações recentes da Academia, dados do Tribunal Superior Eleitoral do Brasil, Constituição do Brasil, decretos, diversos acervos documentais oficiais sobre o regime militar, sítios online, livros e artigos científicos de intelectuais pertencentes a diferentes correntes teórico-metodológicas.

Na obra, dividida em doze capítulos, o autor sugere, na Apresentação, questionamentos sobre o período abordado, como forma de contextualizar o leitor no cenário dos anos 1960 e 1970 e instiga-lo a repensar, nos dias atuais, o objeto “Ditadura Militar Brasileira”. Dessa maneira, somos desafiados a desconstruir análises que, nos tempos atuais, parecem ganhar contornos de

consolidação, por serem bem aceitas pela sociedade, a partir das seguintes questões: “*Jango foi o responsável pela crise de 1964?*”, “*O golpe foi puramente militar ou civil-militar?*”, “*A ditadura para valer só começou com o AI-5, em 1968?*”, “*A esquerda armada foi a principal responsável pelo acirramento da violência de Estado?*”, “*As artes e a cultura de esquerda estavam inseridas na indústria cultural ou foram meras concessões episódicas por parte desta?*”, “*A sociedade, predominantemente, resistiu ou apoiou a ditadura?*”, “*A abertura do regime foi um movimento consciente dos militares, que preparavam a sua saída do poder sem hesitações?*” (NAPOLITANO, 2014, pp. 8-9).

Nessa direção, a obra basicamente pode ser dividida em três segmentos temáticos a partir de seus doze capítulos, dos quais três focam em aspectos socioculturais e políticos nos momentos posteriores ao ano de 1964, um trata de questões socioeconômicas – sendo destacado o “Milagre Econômico” brasileiro – e oito estão direcionados a análise sociopolítica e histórica.

O primeiro segmento é um dos pontos fortes do livro, pois proporciona uma interessante perspectiva sobre um período que, mesmo dominado por repressão e censura, demonstrou um potencial artístico e, sobretudo, crítico acerca das circunstâncias políticas e econômicas que estavam vigentes em mais de duas décadas de Regime Militar. Desta forma, nos capítulos *No entanto é preciso cantar: a cultura entre 1964 e 1968*, *A primavera nos dentes: a vida cultural sob o AI-5* e *Letras em rebeldia: intelectuais, jornalistas e escritores de oposição* está presente a visão abrangente do autor sobre a cultura entre os anos 1960 e

1970, que é demonstrada de forma brilhante, pois não se atem somente à música popular, ao teatro e ao cinema, mas também promove uma análise articulada do papel dos escritores, dos intelectuais e da imprensa alternativa com o cenário político e econômico que se desenvolvia, tornando-os engajados politicamente na luta pelo estabelecimento de um regime democrático, no qual as manifestações culturais de diferentes matizes pudessem ser expressas sem censura.

O segundo segmento proporciona, em *Nunca fomos tão felizes: o milagre econômico e seus limites*, uma visão interessante sobre o “Milagre Econômico” ao leitor, pois Napolitano pondera tanto aspectos positivos como negativos, que ainda são pouco compreendidos por determinados segmentos da sociedade. Nessa seção, dados como a explosão da dívida externa, o aumento da inflação e a má distribuição de renda são discutidos, com o objetivo de relativizar e esclarecer o “mito” que ronda tal evento econômico, pois diferente da forma como muitos pensam, “*a maior parte da sociedade brasileira não pode desfrutar os resultados materiais deste processo de maneira sustentável e equânime*” (NAPOLITANO, 2014, p. 147).

O último segmento engloba *Utopia e Agonia do governo Jango*, *O carnaval das direitas: o golpe civil-militar*, *O mito da “ditabranda”*, “*O martelo de matar moscas*”: *os anos de chumbo*, “*A democracia relativa*”: *os anos Geisel*, *A sociedade contra o Estado*, *Tempos de caos e de esperança* e *A ditadura entre a memória e a história*. Nessas seções, o autor trata, basicamente, de três temas que se equivalem a três momentos históricos: o governo de João Goulart, o Regime Militar e o período pós-

redemocratização. Desta forma, reavalia a conjuntura política que levou o país ao Golpe de 1964 e o “mito” de uma ditadura que tenha sido branda sob o regime de Castelo Branco. Na primeira reavaliação, Napolitano tende a analisar o Golpe como uma aliança formada pela sociedade e pelos militares – aliança civil e militar – contrária ao reformismo trabalhista e ao fantasma do comunismo. Porém, o autor ressalta que, mesmo o Golpe sendo civil e militar, a Ditadura tornou-se qualitativamente militar, pois o governo brasileiro estava sobre o controle dos militares de forma majoritária. Nos termos do autor, Napolitano não endossa “a visão de que o regime político subsequente tenha sido uma ‘ditadura civil-militar’ ainda que tenha tido entre os seus sócios e beneficiários amplos setores sociais que vinham de fora da caserna, pois os militares sempre se mantiveram no centro decisório do poder” (NAPOLITANO, 2014, p. 11).

E a segunda reavaliação trata do “mito” da “ditabranda” que seria uma possível fase menos avassaladora em termos de repressão e censura. Conforme o autor, “o general Castelo Branco passou à história como uma espécie de ditador bem-intencionado. Construiu-se a imagem de um homem que acreditava nos objetivos saneadores e no caráter temporário da intervenção militar, mas que sucumbiu à linha dura” (NAPOLITANO, 2014, p. 72). Desta forma, contrário à hipótese de que Castelo seria um “ditador bem

intencionado”, o autor desconstrói tal noção em *O mito da “ditabranda”* com dados quantitativos e demonstra o alto nível de autoritarismo presente nos primórdios do Regime.

A sociedade contra o Estado, Tempos de caos e de esperança e *A ditadura entre a memória e a história* compõem as seções finais da obra. Nessas seções, Marcos Napolitano discute os problemas decorrentes da transição para a democracia presentes até hoje, como é o caso do resgate de memória promovido pelas Comissões de Verdade instaladas em todo o país, cujas atuações estão voltadas à investigação das diferentes formas de violência cometidas contra os cidadãos à época, e traz à tona embates entre os antigos partidários e opositores do regime ditatorial.

A complexa obra de Napolitano reuniu um vasto arcabouço teórico sobre a história, cultura, política e economia no cenário da Ditadura Militar no Brasil. *1964: História do Regime Militar Brasileiro* traduz a erudição de seu autor por meio de uma linguagem de fácil compreensão. Desse modo, é possível constatar que o leitor não precisa estar inserido no meio acadêmico para compreender a obra, podendo este ser de diversas naturezas. É uma obra sobre a sociedade em seus diversos ângulos, voltada à sociedade em seus diferentes setores.

Recebido em 2014-07-27
Publicado em 2015-02-27



* LUÍSA MARIA RUTKA DEZOPI

é graduanda em Sociologia e Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas pela Universidade Estadual de Campinas.